

Ouvindo uma Terra que fala: O renascimento do Paganismo e a Ecologia

Rosalira Oliveira
Doutora em Antropologia
Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco

RESUMO:

O artigo aborda o ressurgimento da tradição pagã no Ocidente, através do movimento denominado Neopaganismo. Traçando um rápido panorama das suas fontes de inspiração e das suas características centrais, a saber: a imanência da divindade e a sacralidade do mundo físico, o artigo centra a sua argumentação na aproximação entre o pensamento religioso neopagão e as preocupações trazidas pelo movimento ecológico, em particular pela Ecologia Profunda. Neste percurso se debruça sobre a cosmovisão pagã buscando compreender a sua percepção de mundo e os motivos que ajudam a entender o seu rápido crescimento no momento atual.

Palavras chaves: Novos Movimentos Religiosos, Paganismo, Ecologia, Animismo.

ABSTRACT

The article approaches the resurgence of the pagan tradition in the western civilization, through the neopaganism movement. Sketching a quick view in its inspirations and central characteristics, like: a imanency of the divinity and the holiness of the corporeal world, the article centers his arguments in the approximation between the religious neopagan thought and the concerns carried by the ecological movements, specifically from the Deep Ecology. In this path , broads over the pagan cosmovision, searching the world's perception and the motivation of the fast growing in the thought at this time.

Key words: New Religious Movements, Paganism, Ecology, Animism

Neopaganismo, ou simplesmente Paganismo¹, é o nome atribuído por adeptos e estudiosos, a um fenômeno relativamente novo: o ressurgimento na sociedade contemporânea de uma espiritualidade centrada na percepção da Terra como sagrada. Embora em franco processo de crescimento, o Neopaganismo é ainda um fenômeno pouco investigado. Os trabalhos produzidos a seu respeito concentram-se nos Estados Unidos e na Inglaterra, países onde o fenômeno é mais antigo e possui uma maior visibilidade social. Mesmo nesses lugares, é bastante recente, embora profícua, a produção acadêmica no campo vem sendo denominado como “*Pagan Studies*”. No Brasil, onde o movimento ainda é relativamente desconhecido, tem-se como referência apenas alguns trabalhos acadêmicos quase todos dedicados ao aspecto mais conhecido do movimento: a religião Wicca.

Tendo tomado impulso a partir dos movimentos da contracultura dos anos 60, o Neopaganismo se auto-define como um continuador das tradições religiosas dos antigos povos pré-cristãos europeus, particularmente os celtas, gregos, germânicos e nórdicos. Margot Adler chama a atenção para o fato de que:

A maioria dos neopagãos olha para as antigas religiões pré-cristãs européias, as religiões de êxtase e as religiões de mistério, como fontes de inspiração e nutrição. (...) Eles recuperam essas fontes, transformando-as em alguma coisa nova, adicionando a elas as visões de Robert Graves, J.R. Tolkien e outros escritores de ficção científica e de fantasia, bem como alguns dos ensinamentos e práticas dos povos aborígenes remanescentes. (1986, p.04).²

Essa coisa nova parece ser a busca por respostas espirituais aos dilemas dos homens e mulheres contemporâneos. Essa busca, associada a um desencanto com as religiões tradicionais, tem levado uma parcela considerável de pessoas a procurarem, não apenas no Paganismo como também nas diferentes doutrinas orientais e no movimento da Nova Era, uma outra experiência religiosa. Sob esse aspecto, o crescimento destas formas de expressão religiosa pode ser interpretado como uma espécie de “sinalizador”, expressão de uma tentativa social mais ampla de contrabalançar as tendências majoritárias da nossa sociedade consumista e hiper-tecnológica, enfatizando valores como os vínculos comunitários, as relações interpessoais e a integração com a natureza. É o que pensa Michael York, para quem o Neopaganismo:

¹ Embora muitos estudiosos façam uma distinção entre os dois termos e considerem o Neopaganismo contemporâneo como um tipo específico dentro de uma tradição mais ampla intitulada “Paganismo”, optei por uma conveniência de estilo, por utilizar os termos “Neopaganismo” e “Paganismo” como sinônimos, ambos se referindo ao movimento moderno de adoração da Terra e da natureza inspirado nas tradições politeístas pré-cristãs, em particular aquelas originárias da Europa.

² Todas as traduções apresentadas neste texto são de autoria da pesquisadora.

Caracteriza-se por ser uma orientação religiosa animista, panteísta, pluralista e não-doutrinária, que utiliza as metáforas pagãs tradicionais – mitos, festas e rituais – ou suas reconstruções modernas, como um meio de celebrar sua ênfase “neste-mundo”. (1995. p. 35)

Trata-se, portanto, de uma reconstrução baseada em diversas fontes (históricas, mitológicas, artísticas, etc.) associada a uma tentativa de adaptar uma religiosidade antiga às inquietações presentes na sociedade contemporânea. No centro dessa reconstrução dois temas encontram-se fortemente entrelaçados: a *imanência da divindade* e a conseqüente *sacralização da natureza*. Embora o termo Neopaganismo seja, na verdade, uma generalização – uma denominação guarda-chuva sob a qual se abrigam perspectivas religiosas distintas: Druidismo, Reconstrucionismos Grego e Saxão (também conhecido como Ásatru), Xamanismo e Wicca, entre outras – todo o movimento é marcado por essa percepção da divindade como imanente encarnada na natureza e nos processos da vida terrena. Esta é sem dúvida, a característica básica do Neopaganismo, o parâmetro que permite delimitar o tronco comum em torno do qual se unem as suas diferentes manifestações, todas auto-identificadas com o termo “Religiões da Terra”, conforme enfatiza este neopagão:

A imanência afirma que a Deidade (Deusa/Deus/Deuses) existe na Natureza, através dela, e, portanto, dela é inseparável. A Terra não é uma mera criação, mas seu corpo! A Natureza é a própria Deusa em manifestação. É isso que define o Paganismo. Consideramos toda a vida sagrada, consideramos a natureza sagrada. Mas os Deuses não estão na natureza porque ela é sagrada. Ao contrário, a natureza é sagrada porque é o corpo dos Deuses. Daí o valor que lhe damos, a ponto de sermos reconhecidos por essa afirmação: Paganismo = ligado a Natureza (ao campo), subentendendo que nosso encontro com a Deidade ocorre exatamente aí, na Natureza.³

Outro tema importante na reconstituição neopagã é a crítica à visão de mundo que triunfou com a modernidade, encarada pelos pagãos modernos como responsável pela alienação do homem diante de si mesmo, da sua comunidade e do seu lugar na Teia da Vida⁴. Por conta dessa perspectiva crítica em relação à percepção do homem como “uma espécie à parte” e “senhor do universo”, tendem a partilhar da visão animista comum aos povos antigos nos

³ Herne, the Hunter. Sacerdote wiccan. “Proposta pagã” *In* Arawicca – lista virtual de discussão – [on line].

⁴ Com relação a isso vale à pena recordar que o termo “pagão” tem sua origem no latim “pagannus”, cujo significado pode ser traduzido como “pessoa do lugar” e que se opõe à palavra “alienus” que tem por significado a “pessoa de outro lugar, o estrangeiro”.

quais buscam sua inspiração. Na perspectiva animista o mundo das coisas materiais, da manifestação,

Procede totalmente da ordem sutil, por intermédio da qual se liga, sucessivamente, à manifestação informal e depois ao não manifestado (...). Nessas condições não pode haver nada nesse mundo corporal cuja existência não se baseie em definitivo em elementos dessa ordem sutil e, para além deles, num princípio espiritual sem o qual nenhuma manifestação é possível, seja em que grau for. (GUENON. R. 1989:169).

Nesta perspectiva tudo o que existe no mundo baseia a sua existência, em última análise, nesse princípio vital. Tanto o homem como as demais coisas nada mais são do que diferentes manifestações desse princípio criador. Mais do que religiosas essas são considerações que remetem ao domínio da cosmologia e encontram aplicação não apenas na teologia como também nas diferentes ciências tradicionais, como a astrologia e a doutrina das assinaturas, por exemplo. Trata-se de uma tradição de pensamento extremamente antiga, diante da qual a idéia moderna de que existem seres e coisas cuja existência e constituição são apenas corporais, não implicando em nenhum elemento de outra ordem, constitui, nas palavras de René Guenon, “*uma ruptura surpreendente*”. (1989, p.169).

O ponto de vista anímico não concebe uma separação entre seres “animados” e “inanimados”, considerando todas as coisas – das pedras às árvores, passando pelos seres humanos – como partícipes da mesma força vital. Uma consequência lógica desta perspectiva é a ampliação da noção de “*pessoa*” que abandona a conotação semântica humano-centrada característica da modernidade. Na concepção animista, animais, pedras e árvores são considerados “pessoas”, seres autônomos e comunicativos, assim como os Deuses e os habitantes do mundo mítico. Dessa maneira, o Cosmos é concebido como um “mundo de relações”, um mundo “aberto” onde cada objeto tem uma “história” e é capaz de “falar” ao homem. A comunicação entre todos esses seres, todas essas “pessoas” é vista, não apenas, como possível (através de oferendas, rituais, acesso a estados alterados de consciência, etc.), mas também como mutuamente desejada. Veja-se a título de exemplo, a fala desta druidesa:

Ao segurar uma pedra que cintila com cristais, tocamos e somos tocados pelo espírito da pedra, de sua natureza, de sua história. Ao sentir a energia das árvores na floresta, a vitalidade das sementes que transplantamos na primavera, a força do cavalo que responde à nossa inclinação e muda de direção, ao sentir os véus prateados da lua sobre nossa pele nua, recebemos a Inspiração. Quando reconhecemos o espírito de algum aspecto da criação – seja um elemental, uma planta, um animal, uma pedra ou um humano – recebemos a oportunidade de conhecer

nosso próprio espírito, de responder a partir desse nosso espírito.⁵

Temos aqui uma perspectiva bastante distinta daquela das chamadas “religiões do livro”. Do ponto de vista espiritual, os pagãos estão em casa na Terra. A sua aspiração não é transcender o mundo material em busca de uma outra realidade, mas sim, integrar-se plenamente neste mundo, visto como sagrado. Na sua concepção, sagrado e profano não se referem a realidades distintas, mas acham-se imbricados um no outro. A realidade transcendente está presente aqui mesmo, na materialidade do mundo físico. Esta celebração do “estar em casa” em nossos corpos e na natureza, constitui, na opinião de Graham, “*a maior contribuição do Paganismo para o debate ecológico hoje*”. (1997. p. 11)

A percepção desta afinidade entre Paganismo e Ecologia atrai muitas pessoas para o movimento. Outras são atraídas pelo politeísmo e pela percepção da diversidade como expressão do divino. Para muitas outras, particularmente mulheres, o reconhecimento da sacralidade do princípio feminino – a Deusa – constitui uma descoberta profundamente enriquecedora. Muitas pessoas vêem na ética comunitária o principal ponto de atração do Paganismo, enquanto outras, ainda, são atraídas pela ausência de dogmas e pela valorização da liberdade individual de pensamento e de ação. Estas e outras razões contribuem para explicar o rápido crescimento do movimento em todo o mundo. Nos últimos 20 anos o Neopaganismo deixou de ser um fenômeno exclusivamente anglo-saxônico (centrado na Inglaterra Irlanda, Estados Unidos, Canadá e Austrália) para se estender por toda a Europa, pelas Américas e mesmo pela Ásia. Atualmente existem pessoas que se autodenominam “pagãs” ou “neopagãs” na Europa, América do Norte, Austrália e Nova Zelândia. Igrejas pagãs são reconhecidas legalmente nos EUA, Austrália, Inglaterra e França. E, ao menos um país, a Islândia, tem uma religião pagã – Ásatrú⁶ – como religião oficial. Embora não haja números precisos, o Brasil é citado como um dos locais onde se registra um dos maiores índices de crescimento de praticantes das religiões neopagãs, particularmente da Wicca, também conhecida como “a Arte” ou “Bruxaria Moderna”.⁷ Ainda que seja

⁵RESTALL ORR, Emma. Druidesa “O moderno Druidismo: da Grã-Bretanha para o Mundo” *In* Hera Mágica – [on line].

⁶Ásatrú é uma palavra islandesa cuja tradução é “lealdade a Aesir”. Os “Aesir” constituem a principal família de divindades do panteão nórdico/germânico. Asatrú é, portanto, um movimento religioso neopagão que se inspira no paganismo nórdico existente na época dos Vikings e se dedica ao culto dos deuses “Aesir”.

⁷Na ausência de números precisos ou mesmo de Censos internos, a exemplo dos realizados nos EUA e Inglaterra, pode-se obter uma estimativa do interesse do público pelo tema através, por exemplo, da internet com base na quantidade de listas de discussão sobre o assunto. De acordo com o diretório do provedor “yahoo”, que abriga a maioria delas, existem atualmente 1075 listas de discussão dedicadas ao Neopaganismo, sendo 767 delas dirigidas à Wicca e Bruxaria.

inegável o impulso dado por todos esses fatores, a contribuição mais importante veio, sem dúvida, da crescente consciência ecológica. Conforme analisam Jones & Pennick (1999), tanto na Europa quanto na América do Norte:

O movimento ecológico ‘verde’ tem andado par e passo com uma vontade de tomar atenção ao padrão intrínseco do mundo físico, seu ritmo, seu ‘espírito de lugar’. Isso conduziu a um renovado reconhecimento do valor da compreensão das especificidades e rituais tradicionais e da sua filosofia subjacente, que é geralmente pagã. (p.21).

Conduziu também alguns ecologistas à busca por uma vivência religiosa capaz de proporcionar ao homem contemporâneo essa experiência de pertencimento à natureza e interação com um mundo vivo. Este anseio fez com que muitos ecologistas aderissem à cosmovisão pagã, vendo nela uma espécie de “base espiritual” onde ancorar a sua preocupação ecológica.

Embora se trate de uma aproximação delicada – a vinculação entre movimento social e expressão religiosa – existe dentro de uma parcela do movimento ecológico uma tendência a entender a incorporação da dimensão espiritual e a defesa do valor sagrado da natureza como “*uma necessidade geral do ambientalismo para completar o seu ciclo evolutivo*”. (LEIS, H. 1999:188). A afinidade entre essas duas perspectivas é mais evidente quando se aborda o pensamento dos representantes da corrente denominada “Ecologia Profunda” que se diferencia de outras correntes dentro do movimento ecológico por uma concepção que:

Não separa os seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Ela vê o mundo como uma rede de fenômenos interconectados e interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida. (CAPRA: 1998. p.26)

A Ecologia Profunda estimula a reflexão sobre a inter-relação entre a humanidade os demais seres e fornece “*a necessária crítica às ideologias dominantes no Ocidente que permitem – quiçá demandem – o domínio e a exploração da natureza*”. (YORK. M. 1995: 136). Essa crítica é compartilhada por grande parte dos pagãos modernos, uma vez que a sua perspectiva:

Desencoraja a visão fálica que a humanidade é dominante na Terra ou então designada para explorar seus recursos. Também não permite a visão igualmente fálica, embora potencialmente menos prejudicial, de que os humanos são os ‘mordomos’ de Deus na Terra, designados para administrá-la a partir de cima. (YORK. M. 1995: 136)

Paganismo e Ecologia Profunda são movimentos contemporâneos que resignificam a natureza dentro do pensamento ocidental, apontando para a relação de interdependência existente entre sociedade e natureza. Ambos reconhecem e chamam a nossa atenção para

“o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e em última análise somos dependentes desses processos”. (CAPRA. 1998. p. 25)

A cosmovisão pagã valoriza e celebra o mundo físico vendo-o como manifestação de uma realidade invisível, porém real, um princípio criador que está presente em tudo e que a tudo unifica. Concebidas como parte da Terra e da natureza, as divindades pagãs acrescentam uma dimensão espiritual à Ecologia. O modelo da divindade imanente estimula o respeito pelo espírito sagrado que habita em todas as coisas vivas e o compromisso com os seus plenos desenvolvimento e expressão. Nesta perspectiva, o meio ambiente é visto como sagrado, inteligente, habitado por um poder místico e dotado de uma vitalidade criadora..

A redescoberta do Paganismo pela sociedade ocidental parece, portanto, fazer parte de um processo mais amplo de recolocação da humanidade *“há muito vista, tanto pelas religiões monoteístas como pelo materialismo secular, em abstração ao seu meio circundante, de volta a um contexto mais geral”.* (JONES & PENNICK. 1999. p. 21) Esse contexto é tanto físico, ou seja, referente ao mundo material como uma parte essencial da vida, como também histórico, porque é visto em busca de uma continuidade moderna com filosofias antigas. Ontem como hoje, pagãos são pessoas que se reconhecem como partes de um mundo vivo e se sentem vinculadas a tudo e a todos, numa comunidade de espírito marcada pelas noções de interdependência e interconexão. Pagãos e neopagãos são pessoas que não se vêem como habitantes isolados de um planeta sem vida, mas, sim como co-participes de um mundo vivo e comunicativo no qual estão constantemente *“ouvindo uma Terra que fala”.* (GRAHAM, 1997. p. 02)

É neste sentimento de comunhão com o mundo que, creio, reside a atualidade do Neopaganismo. Reconstruir os vínculos que nos ligam à Terra e às suas muitas formas de vida parece ser o objetivo comum que une bruxas, druidas, xamãs, asatruares e outros mais. Neste sentido, longe de ser o renascimento de uma religiosidade antiga, o Neopaganismo é, sobretudo, a criação coletiva de uma espiritualidade de tipo novo: inspirada no passado, mas voltada para o presente e, sobretudo, preocupada com o futuro. Não apenas o futuro da humanidade, como também o do planeta e o de *“todos os nossos parentes”*⁸.

⁸ A expressão *“para todos os nossos parentes”* constitui uma fórmula ritual utilizada por alguns adeptos do Xamanismo ao iniciarem seus rituais.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- ADLER, Margot. **Drawing down the moon: Witches, Druids, Goddess Worshippers and other Pagans in America Today**. New York: Penguin Compass, 1986
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida - uma nova compreensão dos sistemas vivos**; tradução Newton Roberval Eichenberg – São Paulo: Cultrix, 1998.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**; tradução Natália Nunes & Fernando Tomaz – Lisboa: Edições Cosmo, 1990.
- _____. **Mito e Realidade**; tradução Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1991
- GUÉNON, René. **O reino da quantidade e os sinais dos tempos**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- HARVEY Graham. **Contemporary Paganism – Listening people, speaking earth**. New York: New York University Press, 1997.
- JONES, Prudence & PENNICK, Nigel. **História da Europa Pagã**; tradução Ana Margarida Gomes Soares – Sintra: Publicações Europa-América, Ltda. 1999.
- KONICHI, Izildinha. **Bruxas na virada do milênio – A bruxaria Wicca no Brasil: História, símbolos, rituais, visão de mundo e resgate do feminino**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.
- LEIS, Héctor Ricardo. “Ambientalismo: um projeto realista utópico para a política mundial” *In Meio Ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafio para as ciências sociais*. Vários autores. São Paulo: Cortez; Florianópolis: Universidade federal de Santa Catarina, 1998.
- _____. **A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes; Santa Catarina: UFSC, 1999.
- MANGABEIRA UNGER, Nancy. **O Encantamento do Humano – ecologia e espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

OLIVEIRA, Rosalira dos Santos. **Tecendo vínculos com a Terra – Paganismo contemporâneo: percepções, valores e visão de mundo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

PELIZZOLI, M.L. **A emergência do paradigma ecológico – reflexões ético-filosóficas para o século XXI**. Petrópolis: Vozes, 1999.

RESTALL OR, Emma. **Princípios do Druidismo**; tradução Ana Luiza Barbieri – São Paulo: Hi-Brasil. 2002.

YORK, Michael. **The Emerging Network – A sociology of the New Age and Neo-pagan movements**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 1995

_____. **Pagan Theology: Paganism as World Religion**. New York: New York University Press, 2003.

Documentos eletrônicos:

HERNE, THE HUNTER. “Proposta pagã”. Disponível em Abrawicca – lista virtual de discussão www.abrawicca.com.br. Acessado em 19/06/2002

RESTALL ORR, Emma. “O moderno Druidismo: da Grã-Bretanha para o Mundo”. Disponível em: www.heramagica.com.br. Acessado em 22/11/2002.